

RESSIGNIFICAÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE: UFMGTUBE, UM EXEMPLO CRONOTÓPICO

Simone Cristina Mussio¹

(UNESP-FCLAr/FATEC-Jahu)

115

RESUMO

Diante das inovações tecnológicas digitais on-line instauradas no mundo atual, novas práticas de ensino são construídas e ressignificadas segundo o viés da modernidade. Deste modo, este estudo pretende analisar o site UFMGTube a partir da teoria bakhtiniana, tendo como baliza os conceitos de dialogismo, esfera, gêneros do discurso e, principalmente, a questão cronotópica, a qual é elemento norteador deste trabalho. Através de tal direcionamento, é possível observar como as novas tecnologias, advindas das redes telemáticas, têm buscado produzir uma aprendizagem mais significativa ao promover a virtualização da própria universidade.

Palavras-chave: Dialogismo; Cronotopo, Gêneros discursivos; Esfera, Ressignificação.

ABSTRACT

In view of the technological digital innovations introduced in today's world, new teaching practices are constructed and resignified according to the bias of modernity. Thus, this study aims to examine the site UFMGTube by way of Bakhtin's theory, having as basis the concepts of dialogism, sphere, speech genres and especially the question chronotopic, which is guiding element of this work. Through this direction, it is possible to observe how new Technologies, coming from the telematic networks, have

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” na cidade de Araraquara, pesquisadora no grupo SLOVO-UNESP (Grupo de Estudos do Discurso) e professora Assistente da Faculdade de Tecnologia na cidade de Jahu. E-mail: simussio@yahoo.com.br - Endereço lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744122D6>

sought to produce a more meaningful learning to promote the virtualization of own university.

Keywords: Dialogism; chronotope, speech genres; Sphere, Reinterpretation.

1. INTRODUÇÃO

Foi pensando no prestígio e influência das novas tecnologias digitais na educação, que este trabalho tenciona discutir a construção de sentidos, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, com o objetivo de observar as ressignificações presentes no ambiente digital como forma de diálogo entre alunos e instituição de ensino devido às novas práticas educativas presentes no contexto atual. Assim, para tal estudo, será feita uma análise do site UFMGTube, desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais, observando o propósito do site em promover um ambiente educacional que ofereça informações sobre inúmeros temas relacionados ao fazer ciência, bem como temáticas que versam sobre política, cultura, educação, etc.

Escolheu-se para investigação a referida instituição de ensino por ser talvez a única universidade pública brasileira que tenha um canal de comunicação interativa em ambiente digital (internet), apenas com postagem de vídeos que retratam o meio acadêmico e cultural.

Para esta análise, a base teórica que a subsidia é a perspectiva dialógica bakhtiniana, baseada na reflexão sobre dialogismo, esfera e gêneros do discurso associados à questão cronotópica. Como uma das características mais inovadoras da produção do Círculo de Bakhtin, modo como o grupo ficou conhecido, foi conceber a linguagem como um constante processo dialógico, distante de ser um sistema autônomo, o diálogo foi instaurado como agente mediador dos discursos em diferentes contextos tempo-espaciais.

Desse modo, a interação da linguagem ocorre em um contexto em que todos participam. Aquele que participa seleciona palavras, formas apropriadas de dizer algo para que o seu destinatário o compreenda, fazendo com que seu interlocutor interprete a

mensagem e a resposta internamente ou por meio de um novo enunciado. Por isso, os dizeres são interpretados ao longo do tempo e suas formas vão variando de acordo com a época em que foram apreçados.

2. TECNOLOGIA, INFORMAÇÃO E LINGUAGEM

Hoje, devido à globalização instaurada em todo o mundo, propiciada pela revolução tecnológica informacional, o comportamento da sociedade contemporânea mudou. A globalização não apenas contribuiu com a internacionalização de mercados, com o aprofundamento da integração social e econômica dos países, mas transformou o conhecimento da informação em um bem de grande valor. Através da universalização do acesso a meios de comunicação, novas ferramentas geradas pela informática passaram a exercer enorme influência nas pessoas, e a internet assumiu sua face mais visível neste contexto, situando-se em uma posição de destaque e tornando-se uma importante ferramenta para a transformação e difusão do conhecimento.

Assim, essa nova dinâmica também se instaurou no meio acadêmico e na própria linguagem. Se antes a imagem que a academia projetava era a representação de uma entidade sisuda e autoritária, com uma linguagem extremamente técnica e, muitas vezes, prolixa, com a democratização do acesso ao ensino superior e a proliferação das novas tecnologias, a linguagem acadêmica está mudando. A consequência desse processo, todavia, ainda é inexata, mas a representação máxima do conhecimento, ou seja, a formulação de monografias, dissertações e teses acadêmicas, acabou se beneficiando com essas novas possibilidades. Hoje já é possível verificar a incorporação dessas tecnologias, com o acesso a informações postas em inúmeros sites, blogs, vídeos, etc.

A universidade passa a ser parte integrante desse processo de mudança, devido à apropriação e utilização dessas novas linguagens, bem como pela presença dos gêneros discursivos no cotidiano do ensino. E com as tecnologias fazendo parte das práticas sociais da sociedade, estas são importantes ferramentas para os eventos de interação do domínio acadêmico. Neste meio, é que a Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG) criou um site denominado UFMGTube, funcionando como um canal de autoarquivamento de vídeos digitais, com o objetivo de diversificar as fontes científicas e tornar o conhecimento científico mais fácil e atrativo.

Dessa forma, a universidade adentrou ao ambiente digital, proporcionando uma nova forma de fazer ciência. Pensando nesse novo aluno, usuário das técnicas digitais, proporcionadas pelo advento da internet, as relações do homem com o mundo, do discente com o próprio estudo, se modificaram radicalmente. Houve uma revolução sem precedentes nas redes de comunicação e de informação, fazendo com que também as universidades, envoltas em sua própria maneira de conceber a ciência, desenvolvessem outras formas de ensinar e proporcionar conhecimento.

Devido a esse novo tempo, urge trabalharmos com a linguística do encontro. Apropriando-nos do olhar de Ponzio (2010), que concebe a linguagem como o lugar de encontro entre sujeitos historicizados, entendemos a lógica do encontro como ancorada na perspectiva da historicidade. Os sujeitos levam-se para o encontro, carregando consigo suas vivências, seus valores, sua constitutividade na alteridade; e, nesse encontro com o outro, responsivamente incidem sobre ele e se deixam incidir pela outridade, provocando deslocamentos e movências na historicidade através das mudanças promovidas pelo tempo. Assim se dá o encontro entre digital e físico, entre tecnologia e o próprio papel da academia neste contexto, sendo interessante notar a necessidade vista pela universidade em criar um lugar de encontro entre alunos e internautas e uma nova forma de aquisição de conhecimento.

Ao conceber o portal denominado de UFMGTube, para se tornar próxima desse novo “aluno-usuário”, fez-se nítida a necessidade de desenvolver um ambiente tido como moderno e inovador, pois se baseia em um dos sites mais conhecidos mundialmente, o YouTube.

Detentor do nome YouTube, que significa, do inglês, “you”, você e “tube”, tubo, sendo usado como gíria para designar a televisão, como, por exemplo, You television, traduzir-se-ia para “Você televisiona”, “Você transmite”, é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Sendo o mais popular

site do tipo, foi tido pela edição de 13 de novembro de 2006 da revista norte-americana Time como a melhor invenção do ano por, entre outros motivos, “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista” (TIME, 2006).

Assim, segundo Bakhtin, todos os enunciados, no processo de comunicação, são dialógicos. Neles existe uma dialogização interna da palavra, que é repassada pela palavra do outro, ou seja, todo enunciador para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, utilizando-o de alguma maneira no seu próprio discurso. Por isso não há objeto algum que não apareça cercado ou envolto por outros discursos. Toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se por outras palavras. Desse modo, é que o próprio site da UFMG dialoga com o site do YouTube, utilizando-se do processo de interação entre textos para criar a sua própria nominalização e especificidades. É pelo dialogismo que se pode observar em um texto a existência de outras obras em seu interior, as quais lhe causaram inspiração ou algum influxo.

Interessante observar que o dialogismo não se constitui apenas socialmente, mas também na esfera temporal, na dinâmica da vida. É devido à convivência entre as pessoas, à progressão no tempo e à própria história, aliadas a uma multiplicidade paradoxal, que ocorre a manifestação de variadas linguagens e de diferentes esferas. O exemplo do site da UFMG, UFMGTube, é um caso verídico de que as mudanças históricas e espaço-temporais contribuíram para uma nova maneira de se pensar o ensino.

Como foi dito por Bakhtin (1997), os enunciados, sendo eles constituídos dialogicamente, são sempre históricos, e essa historicidade é percebida pela sua constituição linguística, pelas relações entre os discursos, os quais deixam marcas de uma época em sua narrativa. Por isso, as técnicas e gêneros tradicionais, em detrimento da aceleração e dinamicidade do mundo contemporâneo, tornam-se alvo, cada vez mais, de reflexões e análises.

É partindo, também, do conceito de gêneros de Bakhtin e seu círculo, que a universidade citada apropria-se não apenas do termo “tube”, como do formato desse

gênero discursivo (site que visa à inserção e divulgação de vídeos) para fazer-se moderna na forma de ensinar e divulgar as informações aos alunos. Devido à criação de tal site, cria-se um novo modelo de esfera para propagação de conhecimentos, a universidade sai de seu caráter sisudo e restrito, com a presença somente de manuais e normas, e passa a adotar um novo gênero em uma outra esfera: o vídeo como fonte de informação e conhecimento. No entanto, a atuação em uma nova esfera, faz-se criar um outro tipo de gênero, dotado de um novo estilo de comunicar.

Como retrata Bakhtin (1997):

O vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata do problema de um estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 283-284).

O autor acima afirma, em *Estética da Criação Verbal* (1997[1979]), que são infinitas a variedade e a riqueza dos gêneros do discurso, destacando, por sua vez, sua heterogeneidade. Desse modo, à medida que a sociedade vai evoluindo e se tornando mais complexa, o gênero vai se adaptando a ela. Por esse mesmo motivo, Bakhtin (1997, p. 280) diz que “ficaríamos tentados a pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo”.

Os gêneros do discurso são, portanto, instâncias nas quais verificamos que eles não permanecem, mas se revitalizam, em concomitância com as variações socioculturais da sociedade, meio pelo qual eles circulam.

Em cada esfera de atividade social, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos. Como as esferas de atividades do homem são muito

variadas, os gêneros do discurso também são muito variados, pois incluem desde a curta réplica do diálogo cotidiano até a exposição científica, os vídeos e blogs na internet.

3. DIALOGANDO COM A TEORIA BAKHTINIANA

121

Como a teoria utilizada para o trabalho dialoga com os pensamentos bakhtinianos, é importante frisar a concepção dialógica da linguagem, já que a própria vida é dialógica por natureza, e como diz o próprio Bakhtin (apud BRAIT 1997, p. 35-36), “a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro”.

Assim, a teoria bakhtiniana concebe como importante não apenas as vozes sociais, mas também as individuais. Através dela, é possível analisar fenômenos de todas as instâncias e esferas, visto que “todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem” (FIORIN, 2006, p.27).

Desse modo, analisando, dialogicamente, os discursos que nos rodeiam é relevante notar a importância do estudo dos gêneros discursivos, proposto por Bakhtin e seu círculo, já que os diversos matizes que adquirem os gêneros discursivos estarão vinculados ao contexto em que serão analisados. O estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, “a natureza do enunciado” em sua diversidade e nas diferentes esferas de atividade comunicacional.

É importante lembrar que o termo gênero do discurso tem uma importante historicidade no Círculo de Bakhtin. Assim, tal conceito se inicia com um texto escrito, em 1928, por Medvedev e continua com dois textos de Volochinov, “Discurso na vida e discurso a arte”, de 1926, e “Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, de 1929. Na década de 50, entre 1952 e 1953, Bakhtin torna público o texto “Gêneros do Discurso”, um dos textos mais propalados na área e, em 1963, publica “Problemas da Poética de Dostoievski”.

O gênero, segundo os estudos bakhtinianos, é concebido como dupla orientação dialógica para com o real e a vida. Primeiramente, a obra é dirigida ao ouvinte e às condições definidas de atuação e recepção. Posteriormente, ela toma como referência a vida, devido ao seu conteúdo temático. É por esse motivo que cada gênero orienta-se de modo sempre tendo em vista os acontecimentos da vida. Este é ponto de partida da análise. Por isso “cada gênero possui determinados princípios de seleção, determinadas formas de visão e concepção de realidade, determinados graus na capacidade abarcá-la e na profundidade de penetração dela” (MEDVEDEV, 1994, p. 210).

É válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espço e das relações entre os interlocutores. Sheila Grillo (2012) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera, e afirma:

A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Primeira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior, são o horizonte social comum aos co-enunciadores (unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos co-enunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado, pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.) e, por outro, por um certo “horizonte social” de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que as esferas ideológica estabelecem com a ideologia do cotidiano: “Com um horizonte ideológico de cada época, há um centro valorativo em direção ao qual todos os caminhos e aspirações da atividade ideológica levam (BAKHTIN apud GRILLO, 2012, P. 138).

Além disso, ela ressalta a contribuição de Pierre Bourdieu (2007) para se pensar o gênero como valor distintivo, ou seja, o prestígio que cada gênero possui em determinada esfera. Volochinov (1981) considera que cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. E é na interação, ou seja, nas relações dialógicas, que entendemos os gêneros, tentando entender a importância do gênero em cada esfera.

Assim, o próprio Bakhtin diz sobre o nascimento do gênero através das esferas:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Por isso, cada esfera proporciona a criação de gêneros diferentes devido à necessidade de cada pessoa, como também do tempo em que eles foram criados. No caso deste trabalho, a presença de um site institucional, que se apresenta sob um viés atrativo de comunicação, ao dialogar com as funções atribuídas ao conhecido site YouTube, ressignifica sua prática, aproximando-se do seu “aluno-usuário” e consequentemente de suas práticas atuais. Assim, é importante notar também que esta ressignificação, advinda da contemporaneidade, não atualiza apenas práticas, mas os próprios gêneros. Isso pode ser observado, por exemplo, no próprio site da UFMGTube, que ao ser acessado traz consigo distintas temáticas diluídas em forma de vídeos, mas que abarcam um construto de gêneros que não podem ser entendidos fora da atividade humana. Ao se acessar o site, já é possível reconhecer inúmeros itens na página sob o título de “Categorias”, denominados como: “Cinema de animação”, “Concurso de vídeo UFMG 2010”, “Cultura e Arte”, “Educação científica e cidadania”, “Entrevista UFMGTube”, “Gestão social em perspectiva”, “Humanidades”, “Imagens do conhecimento”, “Memória da UFMG”, “Memória do departamento de Física”, “Pílulas de Ciência UFMG”, “Saberes plurais”, “Universidade das crianças” e “Vídeos”. Vemos, desse modo, que cada tópico remete-se a vídeos que trazem consigo gêneros

relativamente estáveis, os quais vão se atualizando em decorrência das diversas atividades da vida. Sendo assim, negociam sentido há todo momento. É o estético atualizado no ético, é o ético influenciando o estético.

Se observarmos, no entanto, mais uma parte da composição do site UFMGTube, perceberemos a presença de TAGS, nomeados por “animação”, “assistência estudantil”, “Belo Horizonte”, “biodiversidade”, “carreira científica”, “ciência”, “comunicação científica”, “dengue”, “direitos humanos”, “divulgação científica”, “documento histórico”, “educação infantil”, “escrita acadêmica”, “escrita colaborativa”, “formação de professores”, “fungos, genética”, “gestão social”, “história”, “imigração”, “Inconfidência Mineira”, “INCT”, “infecção, informação”, “internet”, “lei de acesso à informação”, “memória”, “mito”, “museus de ciência”, “música”, “nanomanipulação”, “obras didáticas”, “patentes”, “percepção pública da ciência”, “pesquisa”, “política”, “processo de criação”, “química”, “relação universidade-empresas”, “sociologia”, “Tiradentes”, “trabalho”, “transdisciplinaridade”, “transporte coletivo” e “voluntariado”. É interessante notar que há diversas formas de organizar e classificar as informações. Todavia, uma das maneiras mais conhecidas é por hierarquias, como se fossem inseridas pastas mais específicas dentro de pastas mais genéricas. Esse tipo de organização hierárquica é a maneira mais utilizada para armazenar e localizar páginas na internet, por exemplo.

Contudo, existe outra forma de organização e classificação de informações muito comum na internet e na Web 2.0, que utiliza palavras-chave para associar informações semelhantes. Essas palavras-chave são conhecidas como Tags ou metadados. “Tag”, em inglês, significa etiqueta. Logo, as tags são palavras que funcionam como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando, pois, encontrar outras relacionadas. Todavia, é válido lembrar que esse sistema de classificação não é novo e já era utilizado em bibliotecas para organizar livros em temas semelhantes. Hoje, na internet, as tags são relacionadas a diferentes conteúdos, como páginas de sites, postagens de blogs, fotos, programas para download, links, marcadores e até mesmo nas

micromensagens do twitter ou nos sistemas de busca como o Google. No caso do site da UFMGTube, as Tags auxiliam no rastreamento do vídeo específico, o qual está inserido no item “categorias”, como foi apresentado anteriormente, como uma forma de visualização rápida do assunto desejado. São inúmeros assuntos retratados por meio de diferentes gêneros, como, palestras, entrevistas, animações, bate-papo, reportagens, notícias, etc. que se fundem uns aos outros, criando novas formas de significar e aprender.

Assim, podemos observar como os gêneros são gerados e reorganizados em função das novas tecnologias e da necessidade de aproximação desse “sujeito-aluno-usuário”, o qual adquire conhecimento através das facilidades apresentadas pelos hodiernos aparatos tecnológicos. E é exatamente em decorrência de casos como este que Bakhtin já afirmava:

A riqueza e diversidade dos gêneros é imensa, porque as possibilidades de atividades humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se descobre e se complexifica a própria esfera (BAKHTIN apud MACHADO, 2012, p. 155).

3.1 Uma questão cronotópica

Bakhtin discursa sobre questões atreladas ao termo cronotopo na obra *Questões de literatura e estética* (1993[1975]) através de ensaios sobre o tempo e o espaço nos escritos de Rabelais, bem como no texto “O tempo e o espaço nas obras de Goethe” (2003[1979]). Neles, o autor retrata os aspectos referentes ao horizonte espaço-temporal no gênero romance. Todavia, não é apenas neste tipo de gênero que tal conceito se faz presente, mas funciona como baliza à compreensão e invenção de diferentes gêneros.

Bakhtin (1997[1979]), ao analisar as obras de Rabelais e Goethe, tem como meta compreender quais os indícios culturais ali instaurados sob o prisma do cronotopo e assevera:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e idéias

humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 1997 [1979], p. 225, grifos do autor).

Dessa forma, o autor busca compreender o enlace entre história e cultura, tendo como definição desta última como um “sistema em um nível mais alto de unidade orgânica: aberta, em formação, não resolvida nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma” (BAKHTIN, 1997, p. 370). Assim, procura saber de que maneira as organizações, instituições, esferas, etc. são constituídas por aspectos cronotópicos.

Ao discursar sobre este conceito cunhado por Bakhtin, Amorim (2012, p. 102) o retrata como o equilíbrio entre as perspectivas de espaço e tempo e ainda acrescenta que o autor o empresta de outras áreas do conhecimento, como da matemática e da teoria da relatividade de Albert Einstein. Entretanto, Bakhtin o ressignifica para compreender como ocorre discursivamente a indissolubilidade de tempo e espaço. Nesta nova acepção, tempo e espaço não são realidades abstratas como antes, mas sim realidades concretas, significadas pela cultura de uma sociedade. Segundo a autora, o continuum espaciotemporal é atinente à imagem demonstração do ser humano que está enquadrado numa realidade de tempo, de espaço, de cultura, ou seja, “o tempo dimensionado pelo espaço é apreendido tão-somente nas temporalidades representativas da cultura [...] O continuum só pode ser cogitado enquanto experiência, quando a informação do mundo físico se transforma em signo e se manifesta como gesto semiótico.” (MACHADO, 2010, p. 208-209).

Eventos praticados pelo homem, que age responsabilmente, assentado numa dimensão espaciotemporal determinada, são provas de que a cronotopia é elemento fulcral na sociedade em que vivemos. Criações de sites como o UFMGTube, é um exemplo de como os reajustes advindos da contemporaneidade provocam mudanças de hábitos e valores.

A evolução do conhecimento humano através das diversas áreas do saber e o decorrente reflexo desta dinâmica evolutiva na sociedade contemporânea geraram novos comportamentos. A internet é fruto deste novo tempo e, hoje, posiciona-se como uma ferramenta que evoluiu largamente desde a sua criação, apresentando-nos a

possibilidade de realizar múltiplas ações no espaço virtual. Desse modo, esta se instaurou como um dos elementos fulcrais que medeia e permite as ações, interações e transmissão de inúmeros conhecimentos. No entanto, como defluência de uma realidade intrínseca a esta ferramenta tem-se o processo da virtualização das informações aí contidas. Fazendo alusão a este conceito, Pierre Lévy (1996) teoriza acerca deste fenômeno como sendo a capacidade que uma entidade tem de proporcionar uma mudança de realidade, passando a existir em potência. Dessarte, a virtualização altera uma entidade na sua realidade, contudo não em sua essência, nos seus traços gerais, mas a propicia outra “vida” e outras características do real. Para Lévy, a virtualização denomina-se como:

uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação da realidade em um conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade (...) (LÉVY, 1996, p. 18).

Desse modo, de acordo com os dizeres do autor, “Os limites não são mais dados. Os lugares e tempos se misturam. As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições” (LÉVY, 1996, p. 25). Resumindo, vê-se claramente que a relação do homem com a máquina tecnossocial resultou na criação de tecnologias que marcadamente mudaram o seu ambiente.

Esse outro “lugar” constitutivo do horizonte espacial da Universidade mencionada é o espaço virtual, ou ciberespaço. Este “lugar” confere à instituição um novo status de existência que possibilita a sua presença e acontecimento neste meio. Trata-se da presença da virtualização como forma de mutar a sua realidade física. “Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada” (LÉVY, 1996, p. 17). Como efeito desta virtualização, a Universidade, através de seu canal UFMGTube, assume projeções novas de tempo e, sobretudo de espaço, pois ao se desterritorializar, isto é, desvincular-se de uma realidade na qual o conhecimento era transmitido através de um modo físico-espacial

(geográfica), ela passa, agora, a atualizar-se em qualquer lugar. Logo, onde houver conexão à internet qualquer estudante poderá acessar tal canal de arquivamento de vídeos, assim como usualmente acessa o Youtube em busca de distintas informações ou distrações. Assim, a Universidade, quando virtualizada, passa a viver numa realidade ubíqua, metaespacial e ultrapassa os limites físicos que estariam impostos à aquisição de informações *in loco*, por exemplo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, pode-se observar como a questão do dialogismo carrega em si potencialidades que podem ser exploradas na interface com o ambiente virtual, e como a Universidade (UFMG), representada pelo site UFMGTube se constitui cronotopicamente, ressignificando posturas adotadas no espaço-tempo.

É importante ressaltar a importância dada à questão do cronotopo uma vez que este é a porta de entrada para a análise dos gêneros, ou seja, é o centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais, já que o gênero situa-se em determinado cronotopo, engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo.

Com relação aos gêneros do discurso que ancoram a análise efetuada, pode-se dizer que são extremamente importantes para comprovar que eles não podem ser tachados como estantes e imutáveis, mas fazem parte de um contexto comunicativo que se altera para enunciar uma determinada mensagem, já que não são adquiridos em manuais, mas nos processos interativos (BAKHTIN, apud MACHADO, 2012, p. 157).

Assim, este estudo buscou revisitar as postulações do Círculo bakhtiniano sobre alguns conceitos já destacados, bem como refletir sobre aspectos da virtualização de entidades no ciberespaço. Logo, este aporte teórico foi utilizado, pois nos faz compreender que não se pode analisar qualquer material linguístico ou imagético fora de seu curso histórico e separado do seu lugar social, no qual encontra as condições concretas para se realizar. Ademais, compreende-se que uma análise que se detenha somente em interpretar a superfície estrutural do texto não atende em nenhuma medida

ao propósito do pensamento bakhtiniano, pois a linguagem é uma realidade dinâmica e social e que para ser compreendida deve ser atrelada ao caráter extralinguístico de uso da língua, isto é, aos seus contextos de produção e circulação. Posto que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1981, p. 124, grifos do autor).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM., M. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAJTÍN, Mikhail. MEDVEDEV, Pavel N. **El método formal de los estudios literários**. Introducción crítica a uma poética sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- BAKHTIN, M. (1975). **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, M. (1979). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. SP: Hucitec, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- GRILLO, Sheila, V.C. **Esfera e campo**. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2012.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MACHADO, Irene. **Gêneros Discursivos**. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 151-166.
- MACHADO, I. **A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia**. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (orgs). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado da Letras, 2010. p. 203-234.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

TIME, 2006. Desenvolvido pela **Globo.com**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1340903-6174-363,00.html>> Acesso em 10 de abril. 2012.

UFMG TUBE, **Saberes plurais em conexão**. Desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:

<<http://www.ufmg.br/proex/cpinfo/ufmgtube/videos/entrevista-com-carla-coscarelli/>.

Acesso em: 10 abril. 2013.